

Segundas gerações de Cabo-verdianos na Europa: reforçando os laços com o país ancestral

Second generations of Cape Verdeans in Europe: reinforcing the ties with the ancestral land

António A. da Graça e Bárbara Bäckström *

Resumo Este estudo tem como público-alvo as segundas gerações de Cabo-verdianos em Portugal, Holanda, Itália e França e visa analisar o reforço de seus laços com Cabo Verde. O estudo é de carácter exploratório, qualitativo e teoricamente ligado à integração, transnacionalismo, assimilação segmentada, identificação étnica e laços com o país ancestral. Os resultados obtidos quanto às relações com Cabo Verde permitem-nos identificar três grupos: o primeiro adota um sincretismo cultural; o segundo vai a Cabo Verde praticamente só para passar férias e se divertir; o terceiro demonstra um 'sentimento de pertença' para com o país ancestral e já conseguiu alcançar maiores níveis de formação e percurso profissional. Também demonstra muito maior interesse em contribuir para o desenvolvimento de Cabo Verde.

Palavras-chave Segundas gerações, transnacionalismo, diáspora, cabo-verdianos, remessas, identidade.

Abstract This study has as target audience the second-generation of Cape Verdeans in Portugal, The Netherlands, Italy and France and aims to analyse the strengthening of their ties with Cape Verde. The study is exploratory, qualitative and theoretically linked to integration, transnationalism, segmented assimilation, ethnic identification and ties with their ancestral land. The results obtained regarding such relationships allow us to identify the following three groups: the first adopts a cultural syncretism; the second visits Cape Verde primarily for holidays and fun; the third demonstrates a 'sense of Belonging' towards their ancestral land and has achieved also much higher levels of education and professional career. It shows also much more interest to contribute to the development of Cape Verde.

Keywords Second generations, transnationalism, diaspora, Cape Verdeans, remittances, identity.

* CEMRI – Universidade Aberta, E-mail: gracaresearch@gmail.com

Introdução

Desde o início deste novo milénio, vimos assistindo a um interessante debate político e científico na Europa sobre o tema 'migração e desenvolvimento' (Haas, 2012) protagonizado, entre outros, por vários investigadores, políticos, agências de desenvolvimento e representantes de muitos governos Europeus. Trata-se mais concretamente do papel que as diásporas podem desempenhar no processo de desenvolvimento dos seus países de origem. Mas de que forma podem as diásporas contribuir para tal?

Os contributos das diásporas mais relevantes podem ser as seguintes (Binkerhoff, 2006). Em primeiro lugar, as remessas financeiras destacam-se como o tipo de apoio financeiro enviado aos respetivos familiares. Em segundo lugar, o investimento financeiro atinge diversas áreas e formas, tais como: criação de (pequenas) empresas; transportes e construções. Em terceiro lugar, a diáspora se destaca através da transferência de conhecimento e competências ao país de origem. Por último, as diásporas podem enviar as tais chamadas 'remessas coletivas' em forma de projeto sociais.

Paralelamente à contribuição das diásporas, é importante sublinhar o papel exercido pelos países de origem quanto à mobilização das suas potencialidades. Exemplificativo aqui tem sido o papel exercido pela China, Índia e Coreia de Sul (Plaza & Ratha, 2011). A República de Cabo Verde tem uma diáspora dispersada pelos quatro cantos do mundo e na sua Estratégia Nacional de Emigração e Desenvolvimento (ENED) reconhece o papel dos seus filhos no exterior quanto ao desenvolvimento do seu torrão de origem através, entre outros, da mobilização das suas competências e das dos seus descendentes qualificados que se encontram estabelecidos no exterior (2014: 8).

Mas a diáspora cabo-verdiana já contribui para o desenvolvimento do seu país de origem com um valor estimado em 12% do Produto Interno Bruto (PIB) anual desse mesmo país. No entanto, a maior parte dessa contribuição é enviada pelos cabo-verdianos estabelecidos nos países da União Europeia¹, sendo a grande maioria pelos cabo-verdianos estabelecidos nos seguintes países: Portugal, França, Holanda e Itália. Entretanto, Cabo Verde afirma-se como sendo uma 'Nação Global' e quer implementar os objetivos atrás expostos, mas a falta de estudos e de dados empíricos básicos são os grandes constrangimentos nesse domínio.

Visando ultrapassar gradualmente o fosso atrás mencionado e por encomenda da Organização Internacional das Migrações (OIM), fomos incumbidos de realizar um estudo de carácter exploratório sobre as segundas gerações de cabo-verdianos em Portugal, Holanda Itália e França (Graça, 2014). Traduzido numa linguagem metodológica de trabalho a pergunta de partida utilizada nesse estudo e a qual aqui retomamos foi a seguinte: como reforçar os laços da segunda geração de cabo-verdianos na Europa com Cabo Verde? No entanto, o grau de exequibilidade da mesma remeteu-nos para as seguintes questões complementares: Quais são as características socioeconómicas mais relevantes deste grupo-alvo? Como se identificam essas segundas gerações com Cabo Verde? Que tipo de laços mantém este grupo-alvo com Cabo Verde?

Para responder às perguntas atrás mencionadas, apresentaremos na próxima secção a fundamentação do enquadramento teórico. Na secção seguinte dedicaremos atenção aos

instrumentos de carácter metodológico. Os resultados conseguidos constituem a terceira secção e na parte final apresentaremos as nossas conclusões finais sobre o tema analisado.

Enquadramento teórico

Sobretudo em Portugal encontramos alguns trabalhos científicos sobre as segundas gerações de cabo-verdianos nesse mesmo país. Mas o mesmo não se pode dizer sobre outros países Europeus. Por isso, apresentamos neste parágrafo alguns pressupostos teóricos que, em termos relativos, nos possam ajudar nesta reflexão sobre o tema em estudo.

1. Integração social e assimilação segmentada

De acordo com a pergunta de partida, dedicamos neste estudo alguma atenção à integração dos jovens descendentes de cabo-verdianos nesses países Europeus. Assim, entende-se como segunda geração os filhos de emigrantes cabo-verdianos nascidos nos países europeus. Mas a integração é um conceito que não tem consenso no tratamento de âmbito científico porque varia, de um modo geral, conforme o país em questão e ainda de acordo com uma determinada época e contexto. Por isso, fazemos aqui uso do modelo analítico de Penninx baseado em três dimensões do mesmo conceito, isto é, dimensão socioeconómica, dimensão cultural e dimensão política (2005). No entanto, limitamo-nos aqui à primeira dimensão de integração enquanto fator relacionado sobretudo com as variáveis de formação e mercado de trabalho.

Em complementaridade com a componente de integração defendida por Penninx, fazemos aqui uso também da perspetiva teórica de *segmented assimilation* desenvolvida pelo sociólogo norte-americano, Alejandro Portes e investigadores a ele associados (Portes e Zhou, 1993; Rumbaut, 1994). Isso pelos seguintes motivos: enquanto a componente de integração ou inserção social de Penninx é analisada com base nas variáveis socioeconómicas do nosso grupo-alvo, a assimilação segmentada pressupõe que o mesmo processo não é homogéneo mas sim estratificado e complementarmente influenciado por uma série de outras variáveis, tais como, a origem étnica, classe social, área de residência e interação social.

Portanto, de acordo com Portes, a "segunda geração" pode percorrer três trajetos alternativos. Um deles é o que corresponde ao padrão homogéneo tradicional de aculturação dentro da sociedade Americana; o segundo, é o oposto ao anterior e conduz, por via de mobilidade social descendente, à pobreza e à diluição na subclasse autóctone; o terceiro, é o da mobilidade ascendente ultrapassando o padrão regular de integração e através, entre outros, do investimento do seu distinto capital humano e solidariedade comunitária (Portes, 1999: 101). O trajeto de assimilação descendente, que conduz os filhos de imigrantes a juntarem-se à subclasse autóctone, depende dos seguintes fatores: concentração nas zonas pobres das grandes cidades ficando assim em contacto direto com os jovens de minorias étnicas excluídas; desenvolvimento através de contactos sociais de padrões de valores e normas que os socializam na crença de que é impossível singrar na sociedade por mérito próprio (Portes, 1999: 101-105).

2. Integração vs transnacionalismo

Para além dos atrás realçados pressupostos teóricos, é de se perguntar se existe alguma vantagem ou não entre o grau de integração desses descendentes no país de acolhimento e a sua orientação simultânea através das relações transnacionais com o país dos seus progenitores. Durante as últimas décadas do século passado os dois fenómenos foram estudados distintivamente. Mas sobretudo na última década, assistiu-se a um interessante debate entre dois tipos de estudiosos de fenómenos migratórios. O primeiro grupo defende, de um modo geral, que a orientação e a participação ativa dos descendentes no país de origem é um fator que dificulta o seu próprio processo integrativo no país de acolhimento (Schrover, 2004; Waldinger & Fitzgerald, 2004). Um outro grupo de investigadores concluiu nos seus estudos que as relações transnacionais e a integração no país de acolhimento são processos simultâneos (Rogers, 2006; Gowricharn, 2009; Levitt, 2003). Quem tem razão? Até prova em contrário, a razão parece estar ao lado do último grupo que apresentou dados empíricos relativamente convincentes. Também uma conclusão importante de um outro estudo transnacional sobre três grupos de imigrantes nos Estados Unidos da América (EUA) é que os imigrantes melhor integrados no país de acolhimento e detentores de maior capital social, são aqueles que apresentam um maior grau de engajamento no país de origem (Portes, Escobar e Arana, 2008). Na mesma linha de orientação desse debate, um outro estudo sobre os cabo-verdianos na Holanda veio a confirmar também a simultaneidade entre os dois mesmos processos (Graça, 2010).

3. Identificação étnica e laços de relação com o país ancestral

Com base na análise de alguns trabalhos científicos, podemos sustentar que diversos fatores podem contribuir para que as segundas gerações de cabo-verdianos nos países em estudo se identifiquem como membros desse mesmo grupo étnico, o cabo-verdiano, e que se estabeleçam e (eventualmente) consolidem as suas relações com o país ancestral. Porém, antes de avançarmos com argumentos mais detalhados, achamos conveniente esclarecer aquilo que entendemos como 'grupo étnico'. De acordo com Barth, o grupo étnico é aquele que é constituído pelos membros dessa mesma categoria social, que se identifica e é identificado por outros como constituinte de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem (1969: 10-11). Portanto, o conceito de 'grupo étnico' (o cabo-verdiano, neste caso) deve aqui ser entendido como um tipo de 'organização social' que possui características atribuídas a si próprias ou que lhe são atribuídas pelos outros grupos.

Assim, tanto a identificação étnica bem como o estabelecimento de relação com o país ancestral são influenciados por diversos fatores, mas neste estudo limitamo-nos aos três seguintes: o papel dos pais, o Crioulo como língua materna e o associativismo. Quanto ao papel dos pais recorremos a um estudo de Soehl e Waldinger e o qual foi levado a cabo sobre esse mesmo tipo de grupo-alvo (2012). Esses investigadores inspiraram-se na teoria sócio cognitiva de Albert Bandura (1986), segundo a qual a aprendizagem encontra-se baseada numa moldura contendo valores, competências, atitudes e lealdades contribuindo assim para o desenvolvimento da personalidade, percurso pessoal e da realização humana. Isso implica que a internalização de práticas sociais, tipos de hábitos e percursos surge como reprodução de padrões culturais transferidos, por exemplo, da

primeira para a segunda geração de imigrantes criando neles sentimentos de autoestima, identidade étnica e reforço de laços com o país ancestral.

Em relação ao domínio (fluyente) da língua do país ancestral vários estudiosos defendem que este é o instrumento mais importante de comunicação para moldar as fronteiras étnico sociais (conf. Fishman, 1989; Alba, 1990). Além disso, a língua também transfere ou cria diversos tipos de laços emocionais relativamente fortes. Outros investigadores defendem que a língua pode ser considerada uma expressão do mais alto grau de familiaridade e intimidade (conf., Brubaker et al., 2006: 254). Precisamente por essas razões, a língua do país ancestral produz a sensação de "sentir-se em casa", por exemplo, quando uma das segundas gerações visita seu país de origem étnica. Muitas vezes, é difícil sentir-se em casa e manter ou reforçar a relação de bom parentesco com os membros da família e com o país ancestral sem o (suficiente) domínio da língua materna dos pais (Soehl e Waldinger, 2012: 37).

Por último, temos o associativismo enquanto movimento formado por organizações sem fins lucrativos e de carácter social, cultural, desportivo, religioso ou filosófico. Nessas organizações destacam-se três dimensões principais, a saber: dimensão étnica, dimensão instrumental e dimensão transnacional. Quanto à primeira dimensão, estamos referindo as funções dentro do próprio grupo étnico tais como estruturas vitais de processos de socialização, de reforço de laços culturais comuns, de afirmação identitária, de solidariedade e de entreajuda. A segunda dimensão diz respeito à característica dessas organizações como espaços privilegiados de intermediação junto dos poderes públicos, defesa de interesses dos seus membros nas sociedades receptoras e veículo privilegiado de mobilização social e política. A última dimensão tem a ver com atividades relacionadas com o país de origem e/ou com as outras comunidades da diáspora funcionando através, entre outros, dos seguintes eixos temáticos: elementos mediadores de produção e de reprodução de identidades, envio de remessas sociais contribuindo assim para o desenvolvimento local; o desenvolvimento da cidadania transnacional através dos jovens é já um fenómeno em crescimento e no que diz respeito ao desenvolvimento de algo no país ancestral (Baubôck e Faist, 2010).

Metodologia

Inicialmente, foi dada uma especial atenção à pesquisa bibliográfica de carácter geral mas orientada especificamente para este tema em apreço. Esse tipo de pesquisa revelou-se de grande importância pelos seguintes motivos: (i) permitiu-nos adquirir, na medida dos possíveis, um quadro atualizado de estudos de referência sobre a segunda geração e nossa orientação teórica sobre o tema; (ii) tornou-se possível a nossa elaboração da problemática e consequente modelo de análise do trabalho em questão; (iii) o quadro teórico e analítico resultante facilitou, por sua vez, a análise e verificação dos dados obtidos durante o processo de recolha. Mas o grande entrave com que deparamos durante os trabalhos de *desk research* foi a recolha de dados quantitativos e estatísticos, sendo a Holanda a única exceção positiva nesse sentido.

Como atrás mencionado, a nossa pesquisa foi realizada em Portugal, Holanda França e Itália. A opção por esses países, tal como atrás referido, tem a ver com a relevância dessas comunidades para o processo de desenvolvimento de Cabo Verde. Dado a várias limitações,

optámos pela priorização das cidades de maior concentração de cabo-verdianos nesses mesmos países. Por isso, em Portugal limitamo-nos à Área Metropolitana de Lisboa. Na Holanda concentramos na cidade de Roterdão onde residem acerca de 85% dos cabo-verdianos estabelecidos nesse mesmo país. Na França, para além de Paris, dada a sua bem maior concentração de cabo-verdianos, abordamos ainda alguns jovens através de inquéritos nas cidades de Marselha, Nice e Lion; na Itália foi dada grande prioridade à capital, Roma, onde se encontra concentrada a grande maioria de cabo-verdianos, bem como às seguintes cidades: Napoli, Milão e Palermo.

A abordagem e a mobilização dos entrevistados foram conseguidas da seguinte forma: entre 1994 a 2014 o investigador, António da Graça, desempenhou os dois seguintes cargos na prestimosa organização sediada em Lisboa, 'Associação Internacional Congresso de Quadros Cabo-verdianos na Diáspora': 1) membro da Direção durante dois mandatos; 2) membro do Conselho de Delegados durante todo o período acima mencionado. Esta oportunidade permitiu-lhe desenvolver relações de trabalho com dirigentes associativos e quadros desses países Europeus, sobretudo durante a realização dos cinco Congressos da mesma organização em 1994, 1998, 2002, 2006 e 2011. Isso permitiu-nos também o acesso e contacto com jovens da segunda geração mobilizando-os para as entrevistas necessárias. De excelente importância também para o nosso trabalho foi ainda o apoio prestado pelas Missões Diplomáticas e/ou Consulares de Cabo Verde nesses quatro países onde a pesquisa foi realizada.

Durante o estudo utilizamos como técnica de recolha de dados, em primeiro lugar, entrevistas em profundidade com três pessoas-chaves dos países em apreço. A seguir, eles guiaram-nos a alguns jovens para as nossas entrevistas nas cidades atrás citadas. Depois disso, esses mesmos jovens puseram-nos em contacto com outros através da técnica de amostragem conhecida por 'bola de neve'. A seleção de entrevistados nesses mesmos países foi feita, na medida dos possíveis, de forma transversal aos diferentes tipos de organizações, categorias sociais e locais de residência bem como às seguintes ilhas de origem dos seus pais: São Tiago, S. Vicente, Santo Antão e São Nicolau. Isso porque são essas as ilhas com maior quantidade de emigrantes residentes nos países onde foi realizado a nossa pesquisa. As entrevistas foram do tipo semiestruturado e os inquéritos foram enviados de forma digital. Para tal foi elaborado um guião com base nas perguntas-chave baseadas nas variáveis correspondentes aos mesmos temas.

Resultados empíricos

O objetivo principal desta secção é apresentar os resultados empíricos obtidos durante esta nossa pesquisa. Porém, antes de incidirmos sobre os mesmos resultados e para esclarecimento dos nossos leitores, daremos uma atenção relativamente breve às características mais relevantes dessas mesmas comunidades. A seguir, seguirão os resultados apurados no terreno.

1. Alguns dados relevantes sobre as quatro comunidades Portugal

Ainda antes dos anos 40 do século XX os cabo-verdianos começaram a estabelecer-se

em Portugal destacando-se, nesse período, apenas um pequeno grupo com instrução secundária e superior. Mas uma questão essencial do ponto de vista conceptual e crítico é o termo "comunidade cabo-verdiana" em Portugal. Quem pertence afinal a essa comunidade? Sustenta-se, regra geral, que pertencem a essa comunidade todos os naturais cabo-verdianos e seus descendentes que se identificam como tal. Entretanto, alguns autores defendem de forma acutilante e clara uma divisão analítica dessa comunidade cabo-verdiana em duas partes distintas: de um lado, aquilo que caracterizam como 'elite' cabo-verdiana; de outro lado, o dos imigrantes cabo-verdianos, vivendo a maioria nos bairros pobres da Área Metropolitana de Lisboa (Batalha, 2008: 27; Pires, 2009: 70). Dado limitações metodológicas e outras, cingimos aqui a análise a esta última componente.

Tabela 1 - Distribuição e totalidade de entrevistas feitas aos jovens de segunda geração

País	Cidade(s), e quantidade de entrevistados	Idade dos jovens	Quantidade segundo a ilha de origem dos pais	Quantidade total de entrevistados
Portugal	Área Metropolitana de Lisboa (36)	18-36 anos	12 de Santiago; 10 de S. Vidente; 8 de Santo Antão; 6 de S. Nicolau.	36
França	Paris = 8 Marselha = 4 Lion = 2 Nice = 2	18-36 anos	7 de Santiago; 4 de S. Vicente; 3 de Santo Antão; 2 de S. Nicolau.	16
Itália	Roma, Milão, Napoli e Palermo	18-36 anos	12 de São Nicolau; 6 de São Vicente; 3 de São Antão; 3 de Boa Vista.	24
Holanda	Roterdão e arredores	18-36 anos	7 de Santiago; 5 de São Vicente; 4 de Santo Antão; 3 de São Nicolau.	19
Totalidade de entrevistas				95

No entanto, esta comunidade é o resultado de um somatório de três fluxos migratórios (Batalha, 2008). O primeiro fluxo teve lugar entre 1960 a 1973 com a entrada de cabo-verdianos destinados à construção civil e obras públicas. Esse novo grupo de cabo-verdianos veio colmatar a falta de mão-de-obra deixada pela emigração portuguesa com rumo a vários países da Europa. Um segundo fluxo deu-se a partir da Independência de Cabo Verde em 1975 com um crescimento mais acelerado e mais alargado onde faziam parte, também, membros do movimento populacional de retorno das ex-colónias portuguesas em África. O terceiro fluxo diz respeito ao êxodo da década de 80 caracterizado por trabalhadores destinados principalmente às áreas de construção civil e obras públicas.

Quanto à questão espacial podemos avançar o seguinte: a maior parte dos trabalhadores cabo-verdianos imigrantes que chegou no primeiro fluxo migratório foi viver nas barracas

que as empresas de construção montavam nos próprios locais de construção. Na década de 1970-80 cerca de 90% desses imigrantes instalaram-se na Área Metropolitana de Lisboa (concelhos de Lisboa, Amadora, Oeiras e Loures). Ali a oferta de trabalho na construção civil e obras públicas era maior. Outros rumaram para o Algarve e um menor número para a região de Aveiro-Porto-Braga. Mas a partir da década de 1990 o governo e as autarquias financiaram, com dinheiros em parte vindos da União Europeia (UE), a construção de bairros sociais, onde atualmente vive a maior parte das famílias de imigrantes cabo-verdianos que anteriormente viviam nos bairros de lata (conf. Batalha, 2008).

Ao contrário dos assuntos atrás abordados, os dados numéricos sobre os cabo-verdianos em Portugal são matéria de relativa complexidade: a Embaixada de Cabo Verde em Lisboa contava em 2011 com 146.150 cabo-verdianos inscritos; mas o Anuário Estatístico do Instituto Nacional de Estatísticas (INE) de 2010, publicado em 2012 e que só se refere a indivíduos de nacionalidade cabo-verdiana, apontava para o número de 43.510 indivíduos, acrescentando contudo que mais 4223 cabo-verdianos tinham solicitado o estatuto legal de residente; por último, os dirigentes associativos faziam estimativas que variavam entre 80 mil a 100 mil cabo-verdianos em Portugal.

Holanda

A emigração para Holanda pode ser dividida em dois fluxos migratórios principais (e.g., Graça, 2000; Pires, 2006). O primeiro fluxo teve início nos anos 50 do século passado, mas foi na década a seguir e na primeira metade dos anos setenta que aumentou significativamente a entrada de cabo-verdianos na Holanda. A grande maioria veio para trabalhar como marítimo e, como tal, foi absorvido pela marinha mercante holandesa e as de outras nacionalidades que necessitavam de mão-de-obra. O grupo que preferiu trabalhar nas fábricas holandesas e outras áreas afins dedicou-se já a isso nos anos 60 e continuou a aumentar até à primeira metade dos anos setenta. A maioria esmagadora desses cabo-verdianos, marítimos ou não, era constituída por pessoas com uma baixa formação escolar e praticamente sem qualificação profissional. O segundo fluxo migratório começou com o desencadear da crise de petróleo tendo aumentado de forma significativa com a Independência Nacional em 1975. Assim, nos anos 70 e 80 o número de cabo-verdianos aumentou de forma relativamente vertiginosa como consequência do processo atrás descrito, reagrupamento familiar daí decorrente e através dos tais chamados "casamentos de conveniência" contraídos, na maioria das vezes, entre raparigas cabo-verdianas vindas sobretudo da Itália, Portugal e França, dum lado, e Holandeses, doutro lado.

De acordo com dados do Centro de Estatísticas de Roterdão (COS) a 1 de Janeiro de 2014 esta comunidade contava com 21.494 cidadãos, sendo 11.754 (55%) pertencentes à primeira geração e os restantes 9.740 (45%) à segunda geração. A grande maioria desta comunidade está concentrada na cidade de Roterdão vivendo ali, a 1 de Janeiro deste ano de 2014, 15.302 cabo-verdianos, ou seja, 71% da mesma comunidade sendo a quantia de 43% pertencente à segunda geração nesta cidade. Como se pode notar, trata-se de uma comunidade com uma boa potencialidade numérica, levando em conta sobretudo as faixas etárias a partir de 20 anos. Em contrapartida, está patente o grau de envelhecimento da primeira geração. Para além de Roterdão, os cabo-verdianos residem

em vários concelhos limítrofes de Roterdão, tais como Schiedam, Vlaardingen, Hooglyiet, Spijkenisse e Barendrecht. Também estão espalhados em números de algumas centenas por várias outras cidades, por exemplo, Haia, Zaandam, Delfzijl e Amsterdão.

França

Apesar da presença de cabo-verdianos em França datar do século XIX, é a partir dos finais dos anos 50 do século passado que se regista uma maior intensificação de entrada de cabo-verdianos no mercado de trabalho nesse país. Um dos primeiros grupos é constituído pelas cabo-verdianas vindas de Dakar acompanhadas das respetivas patroas e gradualmente procedeu-se à reunificação familiar (L. Silva²). A partir de 1963 surge na zona leste da França, mais precisamente em Fameck-Mozelle, uma pequena colónia de emigrantes cabo-verdianos donde saíram vários elementos que participaram na luta de libertação da Guiné e Cabo Verde. Nos princípios dos anos setenta, chega uma nova vaga de emigrantes, agora via Portugal. Mas em 1974 a Europa fecha as portas à imigração. A crise do petróleo tinha sacudido as economias ocidentais e o Governo Francês esteve prestes a fazer regressar os imigrantes aos respetivos países. Graças à grande solidariedade do movimento associativo e dos partidos políticos opostos à política de expulsão dos imigrantes surgiu a legalização dos emigrantes cabo-verdianos em 1982. Isso foi fruto, entre outros, da vitória socialista nas eleições de 1981.

Em Janeiro de 2014 a Embaixada de Cabo Verde em Paris avançou-nos com dados relacionados a 29.000 cabo-verdianos inscritos nessa Missão, enquanto as estimativas de vários dirigentes associativos variavam entre 50.000 a 55.000 pessoas. Como se explica essa enorme disparidade numérica? Ela tem a ver com vários fatores: muitos cabo-verdianos não estão inscritos na Embaixada de Cabo Verde; existem cabo-verdianos detentores da nacionalidade francesa; também existem outros em situação de ilegalidade no país. Conforme apuramos junto dos nossos entrevistados e alguns documentos analisados, o maior número de cabo-verdianos encontra-se residindo em Paris e arredores (\pm 20.000). Outras estimativas dos nossos respondentes quanto ao número de cabo-verdianos nas outras cidades, são as seguintes: Marselha, 9000; Nice, 8000, Lyon, 7000. Os restantes cabo-verdianos estão distribuídos por outras cidades, tais como, Lille, Amiens, Creil, Mulhouse, Metz, Fameck. No entanto, existe ainda uma quantidade que trabalha nas minas de carvão e nas fábricas siderúrgicas de Moselle (Alsácia Lorena). Outra parte trabalha na construção civil (sobretudo homens) e nos trabalhos de serviços domésticos e apoio domiciliário (mulheres).

Itália

Foi em 1957 que foi recrutado pela tripulação da companhia área Alitalia um número bastante reduzido de raparigas cabo-verdianas para prestação de trabalho doméstico na zona de Latina, província de Roma (Monteiro, 1997: 339-340). Mas o fluxo migratório de recrutamento surgiria a partir de 1963 quando por intermediação de dois padres capuchinhos em São Nicolau, Cabo Verde, algumas raparigas da mesma ilha foram recrutadas para trabalharem como empregadas domésticas em casa de famílias pertencentes à classe média italiana. Depois deste primeiro contingente, outros grupos de S. Nicolau vieram dar corpo a essa cadeia migratória juntamente com raparigas das

ilhas de São Vicente, Santo Antão e Boavista. A maioria que emigrou para Itália tinha somente como capital escolar a escola primária, enquanto a restante era constituída por raparigas semiletradas ou iletradas.

Uma certa quantidade dessas raparigas já era mãe, na altura de saída, tendo os seus filhos ficado em Cabo Verde ao cuidado dos avós. Duas questões relevantes devem ser aqui acrescentadas. Primeiro, trata-se dum fluxo migratório quase que exclusivamente feminino. Segundo, para clarificar que estava-se perante duas modalidades desse mesmo processo migratório: a primeira situa-se até os fins dos anos 70 e a segunda tem a ver com a consequente estabilização do processo migratório tendo uma parte significativa dessas raparigas preferido, sobretudo a partir da segunda metade dos anos setenta, emigrar para outros países da Europa, sobretudo para a Holanda (conf. Monteiro, 1997: 343).

Ao longo das últimas décadas, o processo migratório cabo-verdiano para Itália aumentou-se de forma expressiva. Mas foi só na década de noventa do século passado que elas foram capazes de reconstruir as suas famílias, sendo uma grande quantidade delas de carácter monoparental. Com a reunificação familiar e filhos de casamentos mistos, que ao longo do tempo foram surgindo, constituiu-se aquilo que, para simplificação, se pode denominar de segunda geração de cabo-verdianos na Itália. Os dados da Embaixada e as estimativas dos dirigentes associativos apontam para uma totalidade de aproximadamente 10.000 pessoas. Em contrapartida, os dados estatísticos oficiais de 31 de dezembro de 2011 falam-nos de 5.223 cabo-verdianos.

Essa disparidade numérica tem a ver com o seguinte: só constam nas mesmas estatísticas os cabo-verdianos que se encontram legais nesse país; também são excluídas das estatísticas os cabo-verdianos de origem que tenham adquirido posteriormente a nacionalidade Italiana. Os dados desagregados permitem-nos fazer a seguinte leitura: perto de 2/3 da quantidade acima referida de cabo-verdianos pertence ao sexo feminino, enquanto o restante pertence ao sexo masculino. Mais de metade dos cabo-verdianos encontra-se estabelecida nas regiões centrais sendo a maior concentração na província de Roma. Outras províncias onde os nossos conterrâneos se encontram vivendo são as seguintes: Nápoles, Palermo, Florença, Génova, Bari, Turim e Pescara.

2. Percursos socioeconómicos

Na ausência de dados estatísticos e de estudos atuais e confiáveis, optamos pelos dados que conseguimos recolher em alguns documentos disponíveis, entrevistas e inquéritos. A partir da triangulação desses dados estabelecemos o percurso socioeconómico dos nossos entrevistados baseado numa certa categorização dos mesmos, dentro dos quatro países em estudo, nomeadamente o percurso de qualificação básica, mobilidade social descendente e mobilidade social ascendente.

A primeira categoria diz respeito ao nível escolar conseguido pelos adolescentes até a escola secundária para poderem seguir depois uma determinada formação profissional, ou seja, a média necessária para terminarem a escolaridade obrigatória. Mas com base na nossa triangulação atrás mencionada podemos inferir que acerca de um terço desse mesmo grupo em todos os países do nosso estudo não conseguiu atingir tal patamar.

Fatores determinantes para tal foram os seguintes: insucesso escolar, monoparentalidade, falta de acompanhamento escolar, baixo nível de escolaridade dos pais e tempo disponível dos mesmos.

É evidente que existe como alternativa, a possibilidade de alguma intermediação nesta fase de integração na sociedade onde nasceram. Mas constata-se, segundo vários entrevistados, sérios impedimentos, tais como, atividades ilícitas, comportamentos socialmente desviantes, delinquência, depauperização social, exclusão social, atitudes imediatistas e miméticas. Também de grande preocupação dentro deste grupo é a quantidade de desempregados que, segundo as estimativas dos nossos entrevistados, tende a atingir a maior parte dos jovens dessa camada nos mesmos países Europeus. No entanto, existe uma outra parte de jovens (sobretudo em Portugal) que só têm contratos de trabalho para um período de apenas algumas semanas ou meses. Também a oferta nos bairros é residual, realçam vários entrevistados.

Quinze jovens entrevistados por nós nesses diferentes países (3 na Holanda, 5 em Portugal, 3 na Itália e 4 na França) manifestaram o seu acordo quanto às posturas e fatores atrás mencionados. Exemplificativo das suas opiniões é o seguinte testemunho dum jovem de 23 anos e pertencente à segunda geração de cabo-verdianos na Itália:

"(...) muitos jovens cabo-verdianos preferem imitar os seus colegas italianos, moram nos mesmos bairros pobres, as mães não têm praticamente algum poder sobre eles e nem lhes podem ajudar (...) eles tomam esses seus colegas italianos como referência (...). Por isso, eles faltam aulas de forma regular, não estudam, envolvem-se até no uso de estupefacientes (...) ou adotam um certo tipo de comportamento desviante (...)". (Jovem cabo-verdiano de segunda geração em Roma)

Seguidamente, surge uma outra categoria durante a fase de integração socioeconómica. Esta é conhecida na teoria de Alejandro Portes (1996) como de 'mobilidade social descendente'. Esses jovens exercem, na sua grande maioria, trabalhos não qualificados ou como ajudantes das seguintes profissões: pedreiros, carpinteiros, mecânicos. Fatores determinantes para este grupo são os seguintes: baixa escolaridade e fraca coesão familiar; exclusão social, falta de apoio e orientação escolar, monoparentalidade, concentração nos bairros degradados. Para além disso, eles são detentores, regra geral, de uma postura imediatista, consumista e de grande apetência a instrumentos simbólico-culturais.

Embora este grupo possa contar na Holanda com a possibilidade de alguma formação profissional, existe ali também, para além dos desempregados, uma quantia razoável de jovens que são detentores do mesmo tipo de ocupações e praticamente nas mesmas áreas. As jovens do sexo feminino pertencentes a este grupo, embora em menor quantidade, encontram-se enquadradas nos mesmos níveis no setor da saúde. Posto isso, estão em clara desvantagem económica e profissional se os compararmos com os pais que, mesmo eventualmente sem diplomas oficiais, são mais valorizados pelo seu exemplar desempenho profissional nas várias empresas.

A seguir, e também de acordo com a teoria de Alejandro Portes (1996), encontramos nesses países do nosso estudo uma terceira categoria denominada de 'mobilidade social ascendente'. Uma das características mais relevantes desta categoria em relação às duas

outras que a precederam, é que esta é numericamente mais vasta e mais diversificada socialmente. Portanto, esses jovens conseguiram ultrapassar a posição dos pais alcançando os seguintes níveis de formação: intermédio, superior profissionalizante e/ou universitário. Algo muito interessante de ser aqui salientado é que muitos jovens conseguem alcançar níveis altos de formação na Holanda através do esquema que nesse país se chama de *stappelaar*³. Literalmente, trata-se de um nível de estudo conseguido gradualmente.

Independentemente do esquema atrás mencionado, podemos através dos nossos dados recolhidos inferir que esta categoria é bem mais elevada na Holanda e em Portugal do que na Itália e na França. De qualquer modo, na Holanda a grande maioria de dados estatísticos sobre esta mesma categoria pode ser recolhido e/ou consultado *online*. Em Portugal, existem também alguns estudos que poderiam ajudar neste ponto, mesmo que parcialmente. Apesar das suas apetências a instrumentos simbólico-culturais, imediatismo e atitudes de consumismo, a subcategoria intermediária masculina parece estar pouco atingida pelo desemprego, segundo as estimativas dos nossos respondentes. Os do sexo feminino trabalham sobretudo no setor da saúde, mediação, área social e vários outros tipos de serviço administrativo e comércio.

Por último, a componente formada pelos jovens com formação superior profissionalizante ou universitária é a parte mais abrangente da categoria geral que Alejandro Portes designou como de 'mobilidade social ascendente', porque são jovens detentores dum capital escolar e profissional bastante elevado e que exercem profissões muito mais bem posicionadas social e economicamente do que os seus pais. Para além disso, são esses jovens que começam a dar corpo à classe média cabo-verdiana na Holanda e em Portugal. Sobretudo o grupo com formação superior profissionalizante é muito mais visível nas comunidades⁴. Entretanto, o subgrupo de nível universitário tem ainda uma dimensão (bastante) mais reduzida e é relativamente menos visível nas suas comunidades.

Esses jovens são oriundos, muitas vezes, das camadas populares, passaram por períodos de grandes dificuldades económicas e sociais, mas conseguiram (gradualmente) bons desempenhos escolares que lhes proporcionaram um estatuto mais vantajoso do que os pais e do que o da maioria de outros jovens cabo-verdianos nesses dois países. Isso nos foi convictamente manifestado por 16 entrevistados, sendo 9 de Portugal e o restante da Holanda. O testemunho aqui abaixo é ilustrativo do que acabamos de apontar:

"Quando vim de Cabo Verde, fomos viver numa barraca, sem água nem luz. (...) Na escola primária eu aprendia rápido e os meus pais não falavam o Crioulo comigo. Eles temiam que isso dificultasse o meu desenvolvimento da língua Portuguesa (...). Hoje estou convicto de que a coesão social, os valores e princípios defendidos pelo meu agregado familiar é que fizeram uma grande diferença nas minhas prestações escolares. Por isso, tenho um grande orgulho por aquilo que a minha família me conseguiu transmitir (...). No oitavo ano escolar mudou a minha família dum barraca para outra. Isso contribuiu de forma muito negativa para os seus estudos (...). Desisti por algum tempo dos estudos (...) depois consegui concluir o meu curso de Direito." (Jovem de 34 anos, jurista de formação)

O testemunho desse jovem deixa claro o papel determinante dos seus pais e a da coesão social dentro da família quanto à formação escolar. Também a sua atitude perseverante

de vencer e a disciplina individual são outros fatores marcantes desta sua trajetória ascendente. Como nos disse o ex-Presidente da Federação das Organizações Cabo-verdianas em Portugal, Sr. Manuel Correia, este é um dos exemplos daquilo que ele intitula de "novos heróis" que vivem e trabalham na Área Metropolitana de Lisboa.

3. Identificação da Cabo-Verdiandade

Os fatores que contribuíram para a afirmação da cabo-verdianidade foram, sem dúvida, o contributo relevante dos pais, a língua Crioula e o associativismo. Passamos abaixo a abordar alguns resultados obtidos sobre esta temática.

Papel dos pais

A grande maioria dos nossos entrevistados garantiu-nos que os seus pais desempenharam um importante papel na transmissão das normas, valores, modalidade cultural, interação comunicativa, educação e apoios de diversa índole contribuindo assim para a identificação e afirmação cultural dos filhos. Outro grande exemplo é a grande oportunidade proporcionada pelos pais para conhecerem e visitarem o país ancestral. Na maior parte das vezes, isso reforça positivamente a identificação com Cabo Verde e aumenta a influência cultural dos mesmos através da criação das redes, contactos com amigos e familiares.

Crioulo

Sobretudo na Holanda, a grande maioria dos pais optou, desde o início, pela utilização do Crioulo como língua de comunicação com os filhos. O mesmo já não aconteceu em Portugal, França e Itália onde subsistia o raciocínio que o Crioulo transformava-se num sério entrave para a aprendizagem da língua do país anfitrião. Para além disso, Roterdão torna-se um centro de ação política e musical estando o Crioulo como a língua de comunicação por excelência. Por isso, acentuou-se nos jovens, uma identificação com o Crioulo, em particular, e como cabo-verdiano, em geral. Também contribuiu para um dupla identificação desses jovens da segunda geração: a holandesa e a cabo-verdiana.

Associativismo

Uma parte significativa do nosso grupo-alvo nesses países Europeus encontra-se envolvida no associativismo, cuja dinâmica contribui de forma significativa para a identificação étnica com Cabo Verde. Com base sobretudo nos dados dos nossos entrevistados, apresentamos a seguir o papel do associativismo nas seguintes quatro áreas.

Em primeiro lugar, trata-se da Associação Congresso Internacional de Quadros Cabo-verdianos com sede em Lisboa e que congrega organizações de vários países da nossa Diáspora e de Cabo Verde. Esta organização levou a cabo cinco Congressos, de 1994 a 2011. Um bom número de nossos entrevistados (7 de Portugal; 5 da Holanda; 4 da Itália e 4 da França) exaltou o grande impacto desses Congressos sobretudo para a sua identificação étnica. Exemplificativo foi o seguinte testemunho:

"Eu nasci no bairro 6 de maio, Cova da Moura (...). Mas a minha vida parece ter mudado completamente depois da minha participação no Congresso de Quadros

de 2002. Apesar de ser a primeira vez que eu pisava o solo de Cabo Verde, foi lá que eu me senti como autêntico cabo-verdiano e como homem realizado (...). Senti-me em casa, valorizado, senti-me reconhecido e foi lá que surgiu esse ponto de viragem na minha vida, foi lá que ganhei essa vontade de fazer algo para os outros (...) e sei que o meu futuro está incontornavelmente ligado a Cabo Verde, terra das minhas raízes (...)". (Jovem de 34 anos, quadro superior e coordenador do Programa Escolhas em Lisboa)

Os torneios de futebol funcionaram como verdadeiros pilares de sociabilidade e cabo-verdianidade sendo os jovens de segunda geração as pedras basilares de tal. Só para dar um exemplo: esses torneios anuais de futebol conseguiam reunir anualmente, por exemplo, na Holanda, entre 10.000 a 12.000 cabo-verdianos.

Os vários projetos de cooperação internacionais à base de *'joint venture'* tais como: 1) o projeto de *Multimedia Centre* materializada entre organizações de cabo-verdianos na Itália, Portugal, Holanda e Cabo Verde; 2) o projeto entre a Associação de Talude, Loures, e a Associação Tabanka Onlus de Roma. Uma das dirigentes deste último projeto confessou-nos o seguinte: "no fim ficamos com o firme sentimento que isso tinha contribuído grandemente para o nosso fortalecimento de mais consciência e cabo-verdianidade".

Por último, tomamos aqui mais três exemplos: 1) a Semana de Cabo Verde em Paris, França, levada a cabo pela Casa de Cabo Verde e pela *Business Club* de Paris em cooperação com várias empresas e outras organizações cabo-verdianas; 2) as 'Vozes da Diáspora' organizadas pela Associação de Mulheres Cabo-verdianas em Paris; 3) o Plano de Saneamento do Município de Santa Catarina em Cabo Verde que contou com o apoio e intermediação da Associação de Cabo-verdianos de Amiens.

4. Relações com Cabo Verde

Tal como atrás descrito, para além do associativismo existem mais dois fatores relevantes que podem ser considerados como pedras basilares no que diz respeito às características socioculturais dessas segundas gerações de cabo-verdianos: trata-se do papel dos pais durante a fase de socialização e aculturação dos filhos e do Crioulo como língua étnica e instrumento principal que exerceu o papel unificador catalisador dessas segundas gerações. Aliás, o Crioulo é aquilo que alguém qualificou algures como a "alma da cabo-verdianidade" e que funciona como símbolo indispensável da nossa identificação cultural e de demarcação de fronteiras entre 'nós' e 'eles', de acordo com a asserção teórica sobre etnicidade defendida por Frederik Barth (1969). Portanto, a pergunta de crucial importância aqui é a seguinte: que tipo de relação existe atualmente entre esses jovens de segunda geração e o país ancestral, Cabo Verde? Em resposta a tal, limitamo-nos às três categorias seguintes.

Postura sincrética

De acordo com os nossos entrevistados em Portugal existe nesse país uma certa quantidade de jovens de segunda geração que demonstra uma identificação sincrética e baseada parcialmente em duas identidades: a dos 'africanos' que ali nasceram; e a portuguesa. Face a tal, os jovens cabo-verdianos sentem-se relativamente perdidos

enquanto tal e, ao mesmo tempo, rejeitados pela sociedade portuguesa. Essa mesma categoria na Itália, segundo os nossos dados recolhidos, não se identifica com Cabo Verde. A título de exemplo, entrevistamos um jovem de 15 anos que, na frente do seu pai, nos disse que não se sente como cabo-verdiano. Disse que se sente mais ligado aos seus amigos italianos. O curioso é que fala crioulo sem (muita) dificuldade. Esse grupo de jovens na Itália apresenta características bastante iguais à uma categoria bastante restrita de jovens na Holanda. Trata-se, neste último país, sobretudo de jovens com comportamentos desviantes e mais ligados a um meio sintético cultural formado por holandeses/ou de outros grupos étnicos. Na França esta mesma categoria adota uma postura assimilacionista, rejeita liminarmente a sua origem cabo-verdiana, não fala e não quer aprender o crioulo. Pior ainda: tenta demonstrar que é *tout court* um cidadão francês em todas as dimensões, recorrendo ao artifício anatómico e/ou genético identificando-se como um francês originário de Guadalupe ou Martinica.

Benefício material e momentâneo

A maioria de jovens na Holanda pertence a esta categoria e vê Cabo Verde como um país ideal, um 'paraíso' onde podem encontrar o sol, mar e praias maravilhosas, festivais de boa música e carnaval. Mas acrescentam imediatamente que "lá é um paraíso" apenas para "passar férias", não para ir lá viver. Parcialmente, pode-se inferir uma certa dupla identificação: dum lado, identificam-se como cabo-verdianos quando estão lá de férias; mas a maior identificação deles é com a Holanda, país onde nasceram e se criaram. Os da Itália também gostam de ir a Cabo Verde, mas o interesse desse tipo de jovens é mais relacionado com o divertimento. Vão para Cabo Verde em visitas turísticas e praticamente não se importam com informações de carácter geral sobre Cabo Verde. Alguns até recusam na Itália identificar-se como cabo-verdianos, porque sentem-se envergonhados, esclarece um dos nossos entrevistados. Alguns deles falam pouco ou não dominam quase nada o crioulo. Esta categoria parece ser, em termos numéricos, a mais expressiva nesse país. Na França esta categoria é composta por um certo número de jovens relativamente bem integrados na sociedade francesa em termos socioeconómicos, desloca-se a Cabo Verde regularmente para passar férias, tem limitadas dificuldades de comunicação com outros cabo-verdianos na sua língua de origem e manifesta interesse em manter relações com Cabo Verde. Uma parte desse grupo encontra-se ligada ao associativismo, direta ou indiretamente, ou tem ligações regulares com a área musical cabo-verdiana. Os jovens desta categoria em Portugal conseguem ir a Cabo Verde como turistas e identificam-se simbolicamente com o país de origem dos seus progenitores. Falam o crioulo (de forma fluente ou não), adoram a música, gastronomia e outros símbolos culturais de referência de Cabo Verde, mas o grau de conhecimento sobre a história e génese cultural de Cabo Verde é, regra geral, muito residual. Ao mesmo tempo, identificam-se de forma assumida como portugueses e (muito) menos como luso-cabo-verdianos. Esses jovens têm também, muitas vezes, uma imagem muito paradisíaca sobre Cabo Verde, uma espécie de identificação romântica e imaginária desse país e isso provoca, algumas vezes, um choque cultural ao gozar o período de férias ou curta estadia.

Sentimento de pertença

Finalizamos esta secção dando atenção a um grupo de jovens que tem um tipo de

identificação com Cabo Verde que preferimos chamar de "sentimento de pertença" ou então, *'sense of belonging'*, bastante usado em Inglês. A grande maioria deles vive na Holanda e Portugal e uma boa parte da mesma é detentor, regra geral, dum capital humano e cultural de nível médio ou superior. Outros deles estão ou estiveram ligados ao associativismo e/ou atividades musicais. Têm também um certo apego à língua e cultura cabo-verdianas. Mais do que as outras categorias, esse grupo demonstra um grande interesse para dar o seu contributo ao desenvolvimento de Cabo Verde. Alguns até se identificam mais como cabo-verdianos do que como portugueses ou como holandeses. Portanto, está claro aqui uma dupla identificação. Mas existe uma certa "cumplicidade patriótica" com Cabo Verde, pois apesar de não enviarem remessas financeiras, acreditam, sentem-se comprometidos com o futuro de Cabo Verde e vão a Cabo Verde de forma relativamente frequente. A título de exemplo descrevemos o exemplo dum jovem quadro que participou ativamente no III Congresso de Quadros Cabo-verdianos da Diáspora de 2002 tendo como tema central "As segundas gerações da Diáspora Cabo-verdiana". O entrevistado informou-nos o seguinte:

"(...) tive um prazer e emoção indescritível ao pisar, pela primeira vez, o aeroporto da Praia, Cabo Verde (...) foram fascinantes as reuniões com jovens vivendo em Cabo Verde e outros vindos de vários países da nossa Diáspora bem como os momentos recreativos e de convívio durante o Congresso. Ao voltar a Lisboa e tocado no fundo da alma pela forma como fomos bem recebidos e valorizados pelos mais altos dirigentes da Nação e não só na 'Terra da Morabeza', senti-me -se no grande dever de servir a minha comunidade em Portugal em particular, e Cabo Verde em geral." (Jovem quadro superior de Lisboa)

Conclusões

Começamos este artigo interrogando-nos como devem ser reforçadas as relações entre o nosso grupo-alvo na Europa e o seu país ancestral, Cabo Verde. De importância para ser aqui salientado é que os resultados obtidos nos quatro diferentes países foram analisados e apresentados de forma comparativa. Portanto, as duas principais perguntas que aqui se põem agora são as seguintes: quais foram os resultados mais relevantes obtidos nas áreas atrás mencionadas? Quais são as conclusões finais deste nosso exercício?

Quanto aos percursos socioeconómicos dos jovens nesse conjunto de países europeus, devemos clarificar o seguinte: os resultados transversalmente obtidos, permitiram-nos identificar três categorias quanto ao percurso de jovens nesse domínio em questão, ou seja, uma categoria significativa de jovens que não conseguiu terminar a escolaridade obrigatória⁵, a categoria social descendente e a categoria social ascendente. Dado o seu grau de insucesso escolar, a primeira categoria vive praticamente no desemprego e é afetada, na maioria das vezes, por atitudes miméticas e imediatistas bem como diversos males sociais, tais como, comportamentos desviantes, exclusão social e alguma delinquência. Isso é válido para todos os quatro países em estudo.

A categoria de 'mobilidade social descendente' é aquela que não conseguiu singrar durante o seu percurso de integração social, ocupando uma posição profissional não qualificada no mercado de emprego, que é inferior à dos pais. Isso tem a ver não só com

o baixo grau de escolaridade obtido, mas também com a sua concentração nos bairros degradados, exclusão social e atitudes desviantes que afetam grandemente a sua posição nesse campo de ação. Esse grupo parece ser (bastante) menor na Holanda. Por isso, consideramos que o uso deste conceito de 'assimilação segmentada' de Portes contribuiu complementarmente como uma grande mais-valia quanto à comparação do grau de integração entre a primeira geração e a segunda geração nesses países Europeus.

De acordo com os dados recolhidos, a categoria de 'mobilidade social ascendente' é numericamente (bastante) superior às outras que a precederam e tem um carácter socialmente diversificado. Nesta área podemos distinguir três subtipos em termos de formação e percurso profissional: intermédio, superior profissionalizante e universitário. De relevância para ser aqui acrescentado é o seguinte: os jovens pertencentes aos dois últimos subtipos se encontram em grande maioria nos dois países seguintes: Portugal e Holanda. Portanto, é nesses países onde esses dois subgrupos se destacam pela positiva, não só na área profissional, mas também no domínio social dando lugar à consolidação duma certa 'classe média' cabo-verdiana neste componente da diáspora.

No que diz respeito às relações dos jovens nesses países Europeus com o seu país ancestral, identificamos também as seguintes três categorias, a primeira adota uma postura híbrida ou sincrética em termos culturais, pois, na sua grande maioria, não se identifica como cabo-verdiano; a segunda mantém um contacto regular com Cabo Verde, mas esta relação é puramente de carácter simbólico material, pois é basicamente orientado para passar férias, divertimento durante os carnavais ou festivais de música. Mas é na última categoria onde encontramos jovens que demonstram o bem conhecido 'sentimento de pertença' para com Cabo Verde. Muitas vezes, trata-se de jovens detentores dum capital humano e cultural de nível médio ou superior. Muitos deles se encontram ligados ao associativismo, dominam regularmente o Crioulo e demonstram um grande interesse em dar o seu (eventual) contributo para o desenvolvimento de Cabo Verde.

Como interpretar os nossos resultados face aos estudos de outros investigadores nesta matéria? Sobretudo os trabalhos de Soehl & Waldinger (2012) confirmam na sua grande totalidade, o papel dos pais e língua materna nos vários percursos dos jovens deste estudo. Uma outra grande referência nossa comparativa é o estudo de T. Reynolds (2008) no tocante, por exemplo, ao 'mito de retorno' como forma de capital transmitida da primeira para a segunda geração e que leva esses jovens a se identificarem à terra ancestral como lar espiritual e cultural. O seu estudo também demonstra igualmente que esses jovens são, regra geral, portadores de um nível superior ou universitários e que o capital social é uma das ferramentas principais do trajeto deles. Peggy Levitt conclui também num seu estudo que os jovens vivendo entre a pressão dos Estados Unidos, dum lado, e a cultura dos pais, doutro lado, acabam por criar as suas próprias práticas culturais e participar nos países ancestrais, tais como, República Dominicana, Oeste da Índia, América do Sul, Paquistão e Gujarati. De elevada importância nesse sentido é o bom capital escolar e cultural desses jovens (Levitt: 2009: 1239). Mas os descendentes de cabo-verdianos oriundos da Holanda queixam-se de uma certa subvalorização na sua terra ancestral pelo seu fraco domínio do Português. Algo praticamente idêntico se passa com os jovens caribenhos que ao regressarem aos países ancestrais só conseguem um enquadramento parcial porque dizem ser vítimas várias vezes de discriminação e exclusão

racial (Reynolds: 2008:26). Na linha deste raciocínio defende Batalha que a comunidade cabo-verdiana em Portugal muito ganharia se houvesse uma segunda geração bilingue, fluente em Crioulo e em Português, capaz de estabelecer a ligação cultural e económica entre esses dois países, Cabo Verde e Portugal (2004: 330). Também os estudos de Giorgas (2008), Phillips & Potter (2009) demonstram estar em grande sintonia geral com esses nossos resultados obtidos.

Finalizamos convencidos das grandes limitações deste nosso tipo de estudo. Apesar disso, os resultados atrás apontados nos autorizam a sustentar que sobretudo a atrás mencionada terceira categoria estabelecida em Portugal e na Holanda deverá vir a constituir uma bela oportunidade quanto ao reforço de laços desses descendentes cabo-verdianos na Europa com o país ancestral. O aproveitamento dessa potencialidade pode tornar-se uma grande mais-valia levando em conta que a componente da diáspora cabo-verdiana na Europa está cada vez mais envelhecida e que o paradigma das remessas está a ser ultrapassado, cada vez mais. Portanto, que esse potencial seja devidamente mobilizado!

Notas

¹ A totalidade desses cabo-verdianos, segundo as estimativas, é acerca de 300.000.

² Vd. Luís Silva, no jornal cabo-verdiano, A Semana, Praia, 5 de Abril de 2009, em <https://www.asemana.publ.cv/?A-emigracao-como-primeiro-exercicio-de-libertacao-da-mulher-cabo-verdiana>.

³ Trata-se aqui da possibilidade aproveitada na Holanda por muitos jovens da segunda geração para a sua ascensão a níveis mais altos de formação académica e/ou profissional.

⁴ Segundo os nossos entrevistados, os jovens do sexo masculino se encontram mais nas áreas seguintes: técnica, indústria, ICT e eletrónica. Um bom número de raparigas trabalha sobretudo na área de saúde e outras profissões afins, tais como, professoras, assistentes sociais e mediadoras.

⁵ As estimativas dos nossos entrevistados apontam para acerca de um terço.

Referências bibliográficas

- Alba, R.D. (1990), *Ethnic identity: The transformation of white America*, Yale University Press.
- Bauböck, R., Faist, T. (2010) (Eds.), *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*, IMISCOE Research, Amsterdam University Press.
- Bandura, A. (1986), *Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Barth, F. (1969), *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. Waveland Press, U.S.A.
- Batalha, L. (2008), "Cabo-verdianos em Portugal: "Comunidade" e Identidade.", in Góis, P. (ed.), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração Cabo-verdiana em Lisboa*, pp. 25-36. Disponível aqui.
- Batalha, L. (2004), "Contra a corrente dominante: história de sucesso entre cabo-verdianos da segunda geração", *Etnográfica*, vol. VIII (2), pp. 297-333.
- Brinkerhoff, J. M. (2006), "Diasporas, Skills, Transfer, and Remittances: Evolving Perceptions and Potential", in C. Wescot e J. Brinkerhoff (eds.), *Converting Migration drains into gains*, Manila Philippines: Asian Development Bank, pp. 1-32.

- Brubaker, R., Feischmidt, F., Fox, J. e Grancea, L. (2006), *Nationalist Politics and Everyday Ethnicity in a Transylvanian Town*, Princeton, NJ: Princeton University Press.
- ENED. (2014), Ministério das Comunidades, Cabo Verde.
- Fishman, J.A. (1989), *Language and ethnicity in minority perspective*, Psycnet.apa.org.
- Giorgas, D. (2008), "Transnationalism and Identity among Second generation Greek-Australians", in H. Lee (ed.), *Ties tot the Homeland*, Cambridge Scholars Publishing.
- Graça, A.A. (2014), *Segunda geração de Cabo-verdianos na Europa e o reforço de seus laços com Cabo Verde*, Coleção Estudos - 1, Ministério das Comunidades, Cabo Verde.
- Graça, A. A. da (2010), *Etnische zelforganisaties in het integratieproces. Een case study in de Kaapverdische gemeenschap in Rotterdam*, Proefschrift. Ridderprint Offset drukkerij, Ridderkerk.
- Graça, A. A. (2000), *A Dinâmica Organizativa de Cabo-verdianos na Holanda*. ANAIS, AECCOM, 2 (1) pp. 81-104.
- Gowricharn (Ed.) (2009), *Ontwikkelingssamenwerking en integratie*, Koninglijke Van Gorcum. Assen. The Netherlands, pp. 109-128.
- Haas, H. de (2012), "The Migration and Development Pendulum: A Critical View on Research and Policy", in *International Migration*, Vol. 50 (3), Oxford U.K., pp. 9-25.
- Levitt, P. (2009), "Roots and Routes: Understanding the lives of the Second Generation Transnational", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 35, Nr. 7, pp.125-242.
- Levitt, P. (2003), "Keeping Feet in Both Worlds: Transnational Practices and Immigration Incorporation in the United States", in: C. Joppke e Morawska (Eds.) *Toward Assimilation and Citizenship. Immigrants in Liberal Nation-States*, Palgrave Macmilan, pp.177-194.
- Monteiro, C. A. (1997), *Comunidade Imigrada. Visão Sociológica. O caso da Itália*, Gráfica do Mindelo Lda., S. Vicente Cabo Verde.
- Penninx, R. (2005), *Integration processes of migrants: research findings and policy challenges*, Paper for European Population Conference, Demographic Challenges for Social Cohesion, Strasbourg.
- Pires, D. (2006), *Nha Tambor: Onderzoek naar het cultureel erfgoed van Kaapverdiaanen in Rotterdam*, Stichting Avançaço.
- Pires, S. (2009), *A segunda Geração de Imigrantes em Portugal e a Diferenciação do Percurso Escolar: Jovens de origem cabo-verdiana versus jovens de origem hindu-indiana*, Tese 23, Observatório das Migrações, Lisboa, ACIDI. Disponível aqui.
- Phillips, J., Potter, R.B. (2009), "Questions of Friendship and Degree of transnationality among Second Generation Return to Barbados", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Volume 35, 4, pp.669-688.
- Plaza, S. e Ratha, D. (Eds.) (2011), *Diaspora for Development in Africa*, The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank, Washington DC. U.S.
- Portes, A. (1999), *Migrações Internacionais. Origem, Tipos e Modos de Incorporação*. Oeiras: Celta.
- Portes, A., Escobar, C. e Arana, R. (2008), "Bridging the gap: transnational and ethnic organizations in the political incorporation of immigrants in the United States", *Ethnic and Racial Studies*, 31, (6), pp. 1065-1090.
- Portes, A. (2004), "Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo Imigrante", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, pp. 73-93.
- Portes, A. (Ed.) (1996), *The New Second Generation*. New York, Russell Foundation.

- Portes, A. & Zhou, M. (1993), "The New Second Generation: Segmented Assimilation and its Variants.", *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 530, pp.74-96.
- Reynolds, T. (2008), *Ties That Bind: Families, Social Capital and Caribbean Second-Generation Return Migration*, London South Ban University, London.
- Rogers, R.R. (2006), *Afro-Caribbean Immigrants and the Politics of Incorporation. Ethnicity, Exception, or Exit*, Cambridge, University Press.
- Rumbaut, R.(1994), "The Crucible Within: Ethnic Identity,Self-Esteem and Segmented Assimilation Among Children of Immigrants", *International Migration Review*, 28 (4), pp.748-794.
- Schrover, M. (2004), "De grenzen van het Deutschtum. Duitse immigranten in het negentiende-eeuwse Nederland", in: L. Lucassen (Red.) *Amsterdam worden: migranten, hun organisaties en inburgering 1600-2000*, Amsterdam: Vossiuspers UvA, pp. 127- 145.
- Soehl, T. e Waldinger, R. (2012), "Inheriting the Homeland? Intergenerational Transmission of Cross-Border Ties in Migrant Families1", *American Journal of Sociology* , 118, (3), pp. 778-813.
- Waldinger, R. e Fitzgerald, D. (2004), "Transnationalism in Question", *American Journal of Sociology*, 109, pp.1177-1195.